



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

YHAGO SHALYS DE LIMA PIRES

A ÁFRICA E A COLONIZAÇÃO DO AFETO

Juazeiro do Norte
2020

YHAGO SHALYS DE LIMA PIRES

A ÁFRICA E A COLONIZAÇÃO DO AFETO

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

Juazeiro do Norte
2020

YHAGO SHALYS DE LIMA PIRES

A ÁFRICA E A COLONIZAÇÃO DO AFETO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para obtenção de grau de Bacharelado em Psicologia.

Aprovado em: 14/12/2020

BANCA EXAMINADORA

Me. Alex Figueirêdo da Nóbrega
Orientador

Me. Moema Alves Macedo
Avaliadora

Me. Tiago Deividy Bento Serafim
Avaliador

A ÁFRICA E A COLONIZAÇÃO DO AFETO

Yhago Shalys de Lima Pires¹
Alex Figueirêdo da Nóbrega²

RESUMO

Com uma história de coletivismo agrário que fundamentava o importante papel da mulher em sua sociedade, a África foi vítima de um projeto etnocêntrico de colonização europeia. O objetivo central desse trabalho é analisar através da Psicologia Analítica, como o europeu, com suas raízes nômades, se sobrepôs à África com seu projeto de colonização, que antes se configurou internamente como um desenvolvimento psíquico. Por meio de uma revisão bibliográfica, foi necessário para a presente pesquisa um aprofundamento na literatura africana e nos conceitos fundamentais da Psicologia Analítica para tornar claro como a dinâmica desse processo reverberou em uma sociedade que se encontra demasiadamente afastada dos estados afetivos que lhe atravessam.

Palavras-chaves: Afeto. África. Matriarcado. Psicologia Analítica.

ABSTRACT

With a history of agrarian collectivism that underpinned the important role of women in their society, Africa was the victim of an ethnocentric project of European colonization. The main objective of this work is to analyze through Analytical Psychology, how the European, with its nomadic roots, overlapped Africa with its colonization project, which before was configured internally as a psychic process. Through a bibliographic review, it was necessary for this research to deepen the African literature and the fundamental concepts of Analytical Psychology to make clear how the dynamics of this process reverberated in a society that is too far from the affective processes that cross it.

Keywords: Affection. Africa. Matriarchy. Analytical Psychology.

1 INTRODUÇÃO

O continente africano possui uma história apagada e marginalizada em nossa sociedade desde um tempo em que se mostrava como um continente exótico, tão diferente da vaidosa normatividade europeia. Deturpada desde tempos remotos, a África foi o cenário de grandes guerras em seus territórios e até hoje sofre com a violência feroz cometida pelos europeus nos tempos de colonização, onde foi bastante degradada ao longo de sua constituição histórica em nome de um projeto patriarcal opulento de intelectualismo e desafeto. Grande parte da literatura criada pelo europeu colocou em evidência seu

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: yhago.shalys@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Graduado em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade Federal do Cariri
Email: alexfigueiredo@leaosampaio.edu.br

etnocentrismo falacioso, onde autores baseados em ideais evolucionistas projetaram uma imagem deturpada sobre o desenvolvimento do africano. Diante disso o presente trabalho enfatiza uma pesquisa essencialmente africana, ou seja, norteando suas diretrizes através das obras do autor senegalês Cheik Anta Diop. Sua pesquisa é enviesada por uma crítica a autores europeus que encabeçaram uma universalização da passagem do sistema matriarcal para o patriarcal, em uma espécie de progressão evolutiva. Segundo Diop (1982), a humanidade se dividiu em dois conjuntos geograficamente diferentes, sendo eles o ariano, na Eurásia, com sua vida nômade e o africano, no berço meridional, tendente à vida agrícola. Em um sistema o matriarcado foi presente, e em outro o patriarcado eclodiu. Os dois sistemas se encontraram, se sobrepuseram um ao outro e até disputaram diferentes sociedades humanas, desqualificando assim as teorias europeias de desenvolvimento contínuo de um sistema para outro.

O longínquo atrito existente entre os dois sistemas, toma novos contornos com o desenvolvimento exacerbado da razão nas sociedades europeias (CAMOLESI, 1993). Todavia esse processo se deu apenas como projeção do que estava acontecendo psiquicamente com a humanidade, devido ao alto grau de conhecimento que adquiriu o europeu traçado pela unilateralidade da razão. Um evento traumático para humanidade que fora esquematizado paralelamente ao patológico dinamismo psíquico do patriarcado que se constelava fortemente na Europa no final do século XVI, no percalço da renascença, aprofundando a Europa em uma era de acentuado intelectualismo. Em consequência desse processo uma função importante da constituição psíquica ficou marginalizada, o sentimento. Um aspecto que nos conecta diretamente com o homem primitivo, ou seja, com as forças primárias do psiquismo humano. Junto a isso se mostra necessário explanar o continente africano com seu histórico de rainhas importantes, relações baseadas na matrilinearidade e na importância central do papel feminino em sua sociedade.

Conservando um arranjo essencialmente Matriarcal em muitas de suas etnias, a África carrega consigo uma traumática violência ocasionada por um “Pai” violento, representado aqui como uma grandeza simbólica não limitada ao gênero e sim a uma dinâmica psíquica decorrente do patriarcado europeu. Uma dinâmica que traz consigo uma configuração racionalmente violenta e segregativa, tanto que a literatura apresentada nas escolas e academias possuem delimitações eurocêntricas, apresentando assim uma versão infiel da história onde se marginaliza não somente os fatos, mas majoritariamente um grande aspecto psíquico relacionado ao afeto. Entretanto é notório o questionamento sobre como se deu esse processo psiquicamente e suas reais repercussões na desenvoltura das sociedades futuras, já

que aparentemente o progresso científico, acarretado pelo intelectualismo, se mostra ainda bastante promissor. Todavia as consequências dessa colonização, territorial e psíquica, são bastantes presentes em nosso cotidiano, visto que vai desde a segregação racial, o preconceito, o machismo, até o crescente número de doenças psíquicas das quais estão diretamente ligadas ao afeto ou ao distanciamento dele (CAMOSELI, 1993).

Uma sociedade que desconhece seu passado de atrocidades está sujeita a repeti-lo. Assim sendo é de extrema importância delinear os graves resultados sociais decorrentes de um escopo colonizador, tanto territorial como psiquicamente. Diante disso o continente Africano, em várias de suas etnias, se contextualizava através de uma dinâmica matriarcal, com toda uma constituição social baseada na matrilinearidade e no importante papel econômico da mulher na comunidade. Um papel que se aproxima de uma constituição coletiva psíquica constelada pelo arquétipo feminino e sua dinâmica essencialmente afetiva. Em contraponto, o patriarcado vigente na Europa lançou sobre o continente africano seu aspecto cruelmente dominador como consequência de um processo psíquico, baseado nos princípios de Heráclito e agregado por Jung à dinâmica da energia psíquica, conhecido como enantiodromia. Posto isso, fica evidente a estreita relação existente entre a subjogação da função sentimento pelo pensamento, diante da colonização da África pelos europeus, como plano de dominação cultural. Com base na teoria, e na pertinente crítica cultural delineada por Jung, fundador da Psicologia Analítica, se torna fundamental entender a dinâmica das funções em nossa consciência, principalmente como a função pensamento foi alargada historicamente relegando à função sentimento um lugar de inferioridade. Consequentemente a sociedade passou a exercer demasiadamente o pensamento, enquanto o sentimento e todo um espectro emocional a ele atrelado foram negligenciados no decorrer da história. Tal fenômeno reverbera no crescente diagnóstico de doenças estreitamente relacionadas ao afeto, viabilizando assim especificar a relação existente entre a colonização da África com a semelhante repressão do pensamento em frente ao sentimento (MARONI, 1998).

Diante dessa conjectura que atravessa nossa sociedade nos mais diversos aspectos, fica evidente a escassez de pesquisas acadêmicas voltadas para estudar o fenômeno do matriarcado africano sem trazer consigo uma projeção de superioridade pertinente ao europeu. Sendo assim a presente pesquisa reforça a literatura africana, denunciando como o espírito colonizador permeia nas mais diversas áreas do conhecimento, visto que, muito do que se sabe sobre a África foi escrita dentro de uma esfera de superioridade eurocêntrica. É notória então a importância de se revelar os aspectos negativos, provocadores de um grande mal estar psíquico social, perante a sociedade que carrega consigo e propaga uma construção

segregativa, que muitas vezes se encontra tão enraizada que é facilmente normatizada. Assim como era normal no século passado escravizar um ser humano em consequência de sua raça, nos dias atuais verifica-se o mesmo para com o tratamento que damos aos sentimentos, que muitas vezes se tornam alheios e reféns do racionalismo. Diante disso é notória a relação existente entre o lugar que foi delegado ao feminino em nossa sociedade e a alienação do afeto que se projeta em uma sociedade predominantemente indiferente aos sentimentos, ou seja, uma sociedade incapaz de lidar com a nebulosidade dos estados afetivos.

2 METODOLOGIA

O método de pesquisa utilizado para o presente trabalho diz respeito a uma pesquisa exploratória, manuseada para se entender o funcionamento de certos fenômenos em nossa sociedade, cujo tema central diz respeito à subjugação da função sentimento pela função pensamento em consonância com a colonização da África.

Foi realizado um levantamento bibliográfico nas obras de Jung que permitiram um melhor aprofundamento de sua concepção sobre o psiquismo, são elas: “O homem e seus símbolos” (1964), “A Natureza da Psique” (1971), “Tipos psicológicos” (1976), “A energia psíquica” (1983). Estendendo-se para uma crítica sobre a superioridade europeia correlacionado com o estudo do matriarcado na África, através de um prisma puramente africano, foi realizada uma investigação nas obras do historiador senegalês Cheikh Anta Diop, sendo elas: “A unidade cultural da África negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica” (1982), “África preta pré-colonial: Um estudo comparativo dos sistemas políticos e culturais da Europa e da África preta, da Antiguidade até a formação dos estados modernos” (1987).

A base de dados foi fundamentada qualitativamente, buscando entender sobre o fenômeno do matriarcado na África, e a sua relação com o processo colonizador de compensação dialética entre o inconsciente e a consciência. Procurando solucionar o exacerbado intelectualismo do século XV em diante, se mostra necessária uma pesquisa aplicada objetivando realçar as causas e consequências desse processo civilizatório. Os livros que tiveram devido respaldo na presente pesquisa estão relacionados ao fato do fenômeno do matriarcado na África partir de um estudo propriamente africano, buscando assim um distanciamento eurocêntrico, o que acaba por dialogar diretamente com a referida pesquisa. Sendo criteriosa a escolha de livros, artigos e revistas por meio de uma seleção que converge com a crítica sobre o viés colonizador eurocêntrico, fez-se necessário compreender tal

fenômeno através de uma ótica tangente à Psicologia Analítica teorizada por Carl Gustav Jung, devido a sua relevante importância na compreensão dos fenômenos psíquicos que sofreram influências estruturais de eventos históricos plausíveis. A busca foi realizada durante os meses de Maio, Junho, Julho, Agosto, Setembro e Novembro de 2020.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PSICOLOGIA ANALÍTICA E SEUS PRINCIPAIS CONCEITOS

Jung reforça uma concepção de energia psíquica baseada em princípios da física adequados para a dinâmica da psique humana. Tais conceitos se norteiam de acordo com o panorama energético e mecanicista, ou seja, o fenômeno psíquico possui uma direção definida, energia constante e abarca os fenômenos na direção do efeito para causa, como também se mostra sempre como resultado de uma causa originária no começo do processo (JUNG, 1983). Essa concepção diverge da visão freudiana que expõe o fenômeno na direção da causa para o efeito, enquanto a formulação junguiana circunscreve o fenômeno no sentido do efeito manifesto para entender a sua causa. Sendo assim Jung pode perceber que nem tudo é oriundo de uma configuração sexual, adotando para sua teoria os conceitos de energia da física, onde se isenta de expor os atributos e qualidades da energia psíquica na sua origem, para investigar a quantidade de energia, ou seja, sua intensidade compreendida no fenômeno. A energia psíquica é então proposta por Jung como sinônimo de libido, não negando o seu caráter sexual, entretanto ultrapassando os limites de sua manifestação exclusivamente sexual (JUNG, 1989). A energia psíquica pode assumir um caráter sexual quando relacionado com a sexualidade, porém não seria o seu único aspecto de manifestação, podendo se apresentar de acordo com a necessidade vigente do organismo, como por exemplo, na autopreservação, integração social e vigília.

Para Jung a “ideia de energia não é de uma substância que se movimenta no espaço, mas um conceito abstraído das relações de movimento. Suas bases não são, por conseguinte, as substâncias como tais, mas suas relações” (JUNG, 1999, p.3). As relações entre as forças psíquicas são de extrema importância para entender sua dinâmica, principalmente no que diz respeito a sua fluidez entre consciente e inconsciente através dos conceitos de progressão e regressão. Na progressão a energia psíquica é direcionada do inconsciente para a consciência com finalidade de suprir as necessidades adaptativas do meio externo, enquanto na regressão a energia flui em direção ao inconsciente para amparar as necessidades internas. A aparelhagem psíquica, baseada nos princípios da física, se conjectura como um sistema

relativamente fechado e auto regulado que responde aos princípios da conservação de energia, evidenciando a estreita relação de compensação existente entre o consciente e o inconsciente. De acordo com o princípio da equivalência, em um sistema fechado a energia não desaparece, ela simplesmente é transferida para outro lugar, isto é, qualquer fenômeno manifestado na consciência acarreta um fenômeno oposto de mesma intensidade no inconsciente. Essa psicodinâmica se mostra necessária para o entendimento das psicopatologias no funcionamento da aparelhagem psíquica regida pela entropia da psique.

Em busca de um equilíbrio, o movimento do sistema psíquico atua sobre o princípio físico da entropia, onde um conteúdo com maior valor energético irá proporcionar trocas com conteúdos de menor valor energético. Em paralelo a isso, a dinâmica psíquica, no movimento pela busca do equilíbrio, inclina-se a buscar o seu oposto quando há um grande acúmulo de energia em determinado ponto. Esse fenômeno conhecido como enantiodromia, foi formulado por Heráclito e adotado por Jung para descrever o processo inconsciente de oposição feita à consciência, evidenciando a necessidade do oposto inconsciente ao preservado unilateralmente pela consciência e o sistema de compensação que atua na aparelhagem psíquica. Sobre a compensação Jung relatou (1991, p.399), “Considero-o em geral como equilíbrio funcional, como autorregulação do aparelho psíquico. Nesse sentido, considero a atitude inconsciente como equilíbrio da unilateralidade da atitude geral, causada pela função da consciência”. A compensação vai atuar em prol da manutenção da saúde do indivíduo ao se relacionar de forma dialética com a consciência promovendo assim uma autorregulação psíquica necessária para a desenvoltura psicológica. Não se limitando a um simples contraponto consciente, sua ação estaria mais próxima de uma complementação da orientação consciente de grande relevância para o entendimento da totalidade da dinâmica psíquica.

3.1 OS TRÊS NÍVEIS PSÍQUICOS

As pesquisas de Freud sobre o inconsciente revolucionaram o estudo sobre o comportamento humano, colocando em descredito a totalidade da autonomia da nossa consciência. Jung seguiu os passos de Freud em seu estudo sobre a relação dialética entre consciência e inconsciente, entretanto se distanciou do mesmo ao conceber seu próprio conceito de libido e indo mais além, expandiu o conceito de inconsciente para além de um mero depósito de conteúdos reprimidos que se voltam contra o sujeito. Não negando tal

perspectiva freudiana, acabou por delimitar o psiquismo humano em três níveis: consciência, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo (JUNG, 1971).

De acordo com Jung (1971, p. 132), a consciência é um processo momentâneo de adaptação com funções dirigidas, que exerce uma inibição diante de determinado material incompatível, mergulhando-o no inconsciente. Suas funções servem à orientação do sujeito diante das demandas internas e do mundo externo, direcionando-o para uma melhor adaptação. O material lançado no inconsciente, seja por meio da repressão, seja porque a consciência deslocou, adentra em uma camada mais superficial denominada inconsciente pessoal, que condiz justamente com o inconsciente freudiano e sua ideia de repressão. Segundo Jung (1982, p. 11), seu reconhecimento se dá através de sua natureza pessoal, ou seja, quando é possível reconhecer seus efeitos em nosso passado. Em uma esfera maior existe o que Jung denominou de inconsciente coletivo, ampliando assim a concepção freudiana ao relatar que “o inconsciente coletivo, como herança imemorial de possibilidades de representação, não é individual, mas comum a todos os homens e mesmo a todos os animais, e constitui a verdadeira base do psiquismo individual” (JUNG, 1971, p. 321). O inconsciente coletivo é um fato objetivo onde se encontra não somente as pulsões e instintos, mas também todo simbolismo arcaico apresentados nos sonhos, fantasias e nas formas básicas do pensar e sentir humano. Detentor de uma produtividade criativa e autônoma, o inconsciente coletivo é a matriz de todos os pressupostos metafísicos, mitológicos e filosóficos, isto é, um fator objetivo que configura o pano de fundo do processamento psíquico (CAMOLESI, 1993, p. 31).

3.2 TIPOS PSICOLÓGICOS

Baseado na maneira como as pessoas recebem e processam as informações advindas do mundo, Jung (1971, p. 477) teorizou sobre os tipos psicológicos de introversão, extroversão e as quatro funções psicológicas presentes em todo ser humano como recurso auxiliador de adaptação da consciência. Os tipos psicológicos, referenciados como introvertido e extrovertido estão diretamente ligados a um sistema de conciliação entre atitudes e funções que direcionam, respectivamente, a libido tanto para o mundo externo, como para o mundo interno do sujeito, orientando a percepção do próprio eu. Entretanto ao perceber as diferenças existentes entre pessoas do mesmo tipo psicológico, Jung (1967, p. 48) verificou que tais diferenças dizem respeito à maneira como as pessoas usam suas mentes, isto

é, o modo com que as pessoas utilizam suas funções psicológicas para se conectar com o mundo externo e interno.

Jung distinguiu as quatro funções em dois pares de polaridades, usadas pela consciência para se orientar tanto externamente como internamente, denominados: pensamento, sentimento, intuição e sensação. Divididas entre funções racionais e funções irracionais. As funções racionais estão diretamente atravessadas pela reflexão, sendo assim são ligadas ao julgamento e são designadas: pensamento e sentimento. O pensamento, sendo uma função essencialmente intelectual, permite dizer que algo existe através de uma análise lógica e racional no intuito de compreender as coisas. Enquanto o sentimento, em contraposição ao pensamento, julga o valor das coisas através de uma lógica diferenciada, ou seja, um valor pertinentemente subjetivo. A função sentimento utiliza de valores pessoais em suas atitudes, mesmo que tais decisões não se sustentem do ponto de vista da causalidade. Já as funções irracionais são: sensação e intuição. A sensação confirma o que se faz presente através dos órgãos de sentido, direcionados para trazer as informações do mundo através de um aspecto real e concreto. A intuição, por outro lado, através de uma apreensão inconsciente do ambiente, abarca ‘de onde’ vem e ‘para onde’ vai tal objeto, mapeando assim seu significado e futuras possibilidades. Todavia o sujeito, em sua necessidade de adaptação e resposta ao mundo externo e interno, acaba por usar determinada função demasiadamente, tornando sua atividade predominante no funcionamento psíquico, configurando assim uma polaridade (JUNG, 1976).

3.3 FUNÇÃO SUPERIOR E FUNÇÃO INFERIOR

Servindo a certos padrões dinâmicos, a consciência se configura de acordo com sua necessidade de adaptação. Uma função psicológica usada frequentemente pela consciência acaba por se desenvolver unilateralmente, deixando a sua polaridade relativa menos desenvolvida, portanto inconsciente. Diante disso haverá sempre uma função superior que pode ser racional ou irracional, e uma função inferior que será essencialmente oposta à função superior. Jung expôs que “A experiência no campo da psicologia analítica nos tem mostrado abundantemente que o consciente e o inconsciente raramente estão de acordo no que se refere a seus conteúdos e tendências” (JUNG, p. 138). Uma função que mergulha no inconsciente acaba por produzir certo grau de independência, não estando mais sujeita à vontade consciente, muito menos em consonância com suas tendências. Como o inconsciente possui caráter compensativo da consciência, sua interferência no funcionamento psíquico é bastante

provável. As funções submersas no mundo inconsciente não fogem a essa regra e acabam, depois de vários conflitos, muitas vezes intervindo na função superior em busca de um movimento de equilíbrio, baseados em uma relação de compensação existente entre o ego e o inconsciente. De acordo com Jung (1971, p. 138) ao definir a direção da energia empregada às demandas, sejam elas externas ou internas, tal processo implica em uma unilateralidade que vai sempre ocasionar uma contraposição igualmente pronunciada no inconsciente.

O direcionamento da consciência ocasiona uma exclusividade unilateral da energia psíquica que quando demasiada irrompe na consciência quase sempre quando mais se é necessário manter o direcionamento consciente. Essa unilateralidade da atividade consciente trouxe graves consequências para a civilização, à vista disso Jung alega que:

Nossa vida civilizada exige uma atividade concentrada e dirigida da consciência, acarretando, deste modo, o risco de um considerável distanciamento do inconsciente. Quanto mais capazes formos de nos afastar do inconsciente por um funcionamento dirigido, tanto maior é a possibilidade de surgir uma forte contraposição, a qual, quando irrompe, pode ter consequências desagradáveis. (JUNG, 1971, p. 139)

Visto que nossa sociedade nos últimos séculos vem se desligando cada vez mais das forças primárias da vida, isto é, do homem primitivo, em sua essência puramente afetiva, é perceptível o exagerado uso da função pensamento, no desenvolvimento da humanidade, delineando um direcionamento unilateral da consciência, diante do avanço tecnológico e científico que acabou por negligenciar a função sentimento, tornando-a uma função inadaptada perante as demandas relativas ao afeto, tanto que, o crescente número de doenças psíquicas relacionadas ao afeto, torna evidente o quanto a humanidade se tornou sua vítima.

3.4 O SER HUMANO PRIMITIVO

Jung viajou até à África na tentativa de entender os resíduos psicológicos de primitivismo no homem moderno. Sua atitude se mostrou como um desafio tanto teórico como psíquico, dado a forte influência de sua mentalidade europeia que agia de forma repressora em oposição às forças primárias da existência. Essa influência europeia se dava também em relação à vaidosa e irreal superioridade do europeu em relação às outras etnias, tanto que, Jung (1964) explicou que o termo “primitivo” não era sinônimo de “atraso”, e sim pelo fato de sua mentalidade estar mais próxima das forças primárias da psique, ou seja, do inconsciente. Adotando para sua teoria as formulações acerca do homem primitivo exposto por Lévy-Bruhl (1857-1939), onde o primitivismo se configura como uma mentalidade própria, Jung afirmou que o primitivo vive um estado inconsciente de identificação com o

mundo, onde sua psique atua com forte projeção de seu material inconsciente na realidade. Seu interesse em estudar a campo os primitivos africanos, seus rituais e cerimônias, se mostrou como uma tentativa de compreender como funciona a projeção coletiva e o quanto o homem moderno, apesar do alto grau de desenvolvimento intelectual, ainda sofre influência desse mecanismo que ilusoriamente se mostra tão distante da nossa existência. Para os primitivos, a alma, ou psique, não é uma unidade como acreditava o homem moderno, mas detentora de um caráter multifacetado, isto é, o indivíduo possui várias almas interligadas e identificadas com o mundo externo (JUNG, 1964). Diante disso a psique humana, longe de ser uma estrutura unificada, corre constantemente o risco de se fragmentar, um processo conhecido pelos primitivos como “perda da alma”, que pode corresponder à causa patológica da neurose (JUNG, 1964).

Os mitos se tornaram a porta de entrada para Jung entender o processo de identificação do homem primitivo para com o ambiente a sua volta. Segundo o autor, é bastante improvável que o primitivo tenha inventado os mitos para explicar os processos físicos a sua volta. Não convencido disso, Jung (1971, p. 328) questiona “por que a psique não registra o processo natural, mas unicamente as fantasias em torno do processo físico?”. Diante disso Jung se transporta para a mente do primitivo para afirmar que o mesmo vivencia o que Lévy-Bruhl denominou de “participação mística”, um fato psicológico de simbiose do sujeito com o ambiente, ou seja, tudo que transcorre do lado de fora, acontece dentro dele e vice versa, não havendo distinção entre sujeito e objeto encontrado na mente racional do homem dito civilizado.

4 A ASCENSÃO DA RAZÃO E OS PROCESSOS DE COLONIZAÇÃO

4.1 A UNILATERALIDADE DA RAZÃO

O homem moderno vivenciou um processo psíquico de mudança enantiodrômica como forma de reação ao pensamento medieval, que se tornava insustentável nas era de domínio social e intelectual da Igreja. A mentalidade medieval vivenciava o cosmos como se todos os fenômenos estivessem interconectados entre si, sendo a matéria uma manifestação do espiritual que expressava os símbolos dos desígnios de Deus. Entretanto, na intenção de um regresso a Deus, a Igreja determina que a matéria deveria ser combatida e as tentações do corpo superadas, criando uma ruptura entre natureza e matéria. Tal cisão se justificou no combate ao paganismo e sua relação com a natureza, entretanto proporcionou ao homem uma

interiorização e uma abstração espiritual, conseqüentemente ocasionando na independência do pensamento que já não se encontrava preso ao impacto emocional da impressão (JUNG, 1986, p. 63). De maneira lenta e gradativa, o cuidado da alma, antes tratado de maneira coletiva, passa então a ter um caráter de cuidado individual acarretando em diversas transformações importantes por volta dos séculos X, XI e XII. Com a expansão populacional e territorial, o sistema feudal se tornou debilitado pela crescente urbanização em paralelo ao desenvolvimento mercantil que demandou novos valores para as sociedades. Surgem então as cidades, universidades, literatura laica, ciência empírica, filosofias racionalistas, monarquias nacionais e todo um espectro materialista que colocava a natureza a serviço do homem. Através do Renascimento, os princípios cristãos se deslocam para um segundo plano e o homem passa a exteriorizar os seus valores, acarretando na diminuição de sua espiritualidade. O filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1882, p. 148) afirmou “Deus está morto”, demonstrando o irreversível declínio do cristianismo que se tornou obsoleto diante da revolução científica.

Com as mais diversas revoluções no meio científico tomando contornos, a cosmovisão cristã começa a sofrer influências da física mecanicista de Newton que conseqüentemente influenciou Descarte a formular seu método filosófico, onde expõe a intenção de conhecer a verdade através da razão, considerando-a superior à emoção e à vontade. Doravante a física e a teologia são separadas por Isabelle Strengers, marcando assim a exclusividade da expressão humana através da razão. Junto a isso as leis da causalidade, formuladas por Kant, delineiam os fenômenos através da causa e efeito, legitimando o triunfo da matéria perante as manifestações espirituais (CAMOLESI, 1993). O lado irracional, isto é, o inconsciente, foi reprimido e a razão passou a menosprezar qualquer fenômeno desconhecido que não fosse possível uma explicação racionalmente materialista. O sentimento, sendo a função diretamente ligada ao afeto, ou seja, a maneira como o ser humano foi afetado em seu processo de simbolização da realidade, torna-se agora subjugado pela função pensamento, que em sentido contrario passa a afetar a realidade.

A mudança de atitude psíquica começou a tomar forma em reação à configuração anterior da unilateralidade do movimento espiritual. Obedecendo aos princípios da enantiodromia, a psique europeia tende para o seu oposto como forma de reparar a unilateralidade espiritual. Entretanto o exacerbado uso das funções racionais ocasionou uma unilateralidade oposta, igualmente nociva para o desequilíbrio psíquico. A razão passa a ser o novo expoente da consciência humana, direcionando assim seu processamento unilateral em

função de sua adaptabilidade. A função pensamento passa então a delegar à função sentimento o lugar de exclusão, mergulhando-a no inconsciente (CAMOSELI, 1993)

O etnocentrismo europeu ganha realce com o evolucionismo de Charles Darwin, que ao colocar o *Homo sapiens* em uma escala evolutiva comum a todos os animais, tenta compensar sua humilhação colocando-se acima das demais raças e culturas (BYIGTON, 1983). O europeu passa então a justificar a racionalidade de Deus perante seu direito de dominar os outros povos que não aceitassem seu único e verdadeiro Deus, iniciando assim as guerras santas e seu projeto de colonização (FRANCO JÚNIOR, 1982, p. 178).

4.2 DESAFETO CULTURAL

Na mitologia grega, Édipo vai cumprir seu trágico destino depois de refutar o caráter irracional do enigma proposto pela Esfinge, tentando resolver a charada através do raciocínio lógico. Essa alegoria representa muito bem o ser humano moderno, aprofundado em um estado avançado de civilização adquirido com o acentuado desenvolvimento da razão. Em Édipo temos uma antecipação do que viria a acontecer com os fenômenos sociais influenciados pelo Iluminismo na Europa do século XVII. A promessa iluminista de livrar o homem do medo, das forças desconhecidas do destino, usurpou para si um projeto de razão que se emaranha com um projeto de dominação, visto que por não suportar o desconhecido reivindicar o seu controle se mostrou como uma maneira de suportá-lo (MARONI, 1998, p. 24). O homem ocidental acabou por se identificar com o pensamento dando profundo crédito a sua potência e por outro lado negligenciando a sua função psicológica oposta: o sentimento.

As situações do ambiente em correlação com a disposição interior se configuram favoráveis a um ou a outra função, fazendo com que aja a inibição de outra, predominando a atuação de uma delas. Apesar das várias disposições possíveis na alma, uma delas foi escolhida para se alcançar o êxito social e isso colocou as outras funções no fluxo do inconsciente. Todavia o inconsciente, sempre presente na vida coletiva, não deixa de atuar e exerce influência devastadora na vida consciente. É negado ao ser humano o contato genuíno com seu material inconsciente, entretanto segundo Jung (1971, p. 158) quanto menos se conhece o seu lado inconsciente, mais influência ele exerce.

Para Jung, até então uma cultura coletiva era desconhecida no mundo antigo da Eurásia, foi portanto com o cristianismo que passa a surgir uma cultura coletiva que sobrepôs a cultura individual, criando assim um “absolutismo” de uma das funções. O cristianismo, com sua ideia de “alma imortal”, cultivava então o desenvolvimento de uma cultura coletiva em

ascensão, entretanto, a cultura coletiva baseada na escravidão das massas se projeta para a esfera psicológica, fazendo com que as funções inferiores fossem subjugadas pela função superior (MARONI, 1998, p. 28). Diante disso o curso da história demonstra nitidamente como a função pensamento foi desenvolvida, e como os ideais iluministas atravessaram o equilíbrio psicológico coletivo. A sociedade acabou por negligenciar a função sentimento, que mergulhada no inconsciente passa a exercer forte influência sobre a vida consciente, dada sua autonomia que não dialoga mais com a vontade dirigida da consciência. Passamos então a ter uma sociedade abastada de afeto, devido ao seu distanciamento se tornou impossível compreendê-lo, além do mais, a humanidade se tornou vítima de sua ação, e não raramente sucumbe a sua interferência. O crescente aumento de sintomas depressivos e ansiosos nos últimos tempos revela como o ser humano se distanciou do sentimento em detrimento de uma promessa positivista, que por um lado nos colocou em uma posição privilegiada de conhecimento e tecnologia, entretanto por outro lado nos proporcionou um distanciamento significativo dos afetos e todo um aparelhamento psicossomático consequente desse processo desequilibrado, onde é evidente a falta de sensibilidade e empatia imperando nas relações sociais.

4.3 MATRIARCADO AFRICANO E O PATRIARCADO ARIANO

A humanidade se dividiu em dois grupos distintos geograficamente, o ariano concentrado na Eurásia com um arranjo patriarcal e o africano no berço Meridional em sua composição essencialmente matriarcal (ANTA DIOP, 1982, p. 51). Para o ariano, que possuía uma vida nômade, o individualismo se torna uma característica psíquica evidente dada a sua composição familiar tida como uma organização absoluta e auto-suficiente do ponto de vista econômico. Tais civilizações desenvolveram o direito privado muito antes da formulação das cidades e do Estado. Diferentemente, na África, o coletivismo foi logicamente a composição exigida pelo sedentarismo agrícola que ocorreu muito anteriormente a do ariano. Devido a sua estrutura política e sua a composição familiar, as atividades da população exigia um engajamento coletivo comum a todos, face aos fenômenos naturais que regiam a vida agrícola. Essas condições materiais de existência delinearam a criação de um poder central forte, coordenador do trabalho e da unificação administrativa, muito diferente da família privativa (ANTA DIOP, 1982, p. 129).

Com a descoberta da agricultura passa a surgir uma religião fundamentada em uma Tríade cósmica representada por: Ciel, Deus-Pai que por intermédio da chuva fecunda a

Deusa-Mãe, ou seja, a Terra, para que assim nasça a Vegetação-Filha. Essas três divindades foram antropomorfizadas nos deuses egípcios, correspondentes a Osíris, Ísis e Hórus, em uma época que o ariano era nômade e praticava um culto restrito, com divindades domésticas, pertencentes a famílias privadas. Enquanto que para o ariano por muito tempo reinou deuses pessoais, que o protegiam, o africano, a mais de um milhão de anos antes dos Greco-Latinos e dos Semitas, já possuía a noção de um Deus todo-poderoso, beneficiador de toda humanidade sem distinção, onde qualquer um podia ser seu adepto e alcançar a salvação (ANTA DIOP, 1982, p. 143).

Os clãs arianos, desprovidos de um poder central que diferenciava as tribos dos indivíduos, tinham como uma das primeiras preocupações a defesa do grupo. À vista disso, os seus valores morais foram definidos pela guerra, pela violência e através do gosto pelo risco como condições primárias de sua existência. As mulheres eram subjugadas às instituições privadas da família patriarcal, onde eram mantidas sob domínio dos homens, negando sua participação pública e no poder. A cultura ariana valorizava a família patriarcal, a sucessão masculina, a cidade-estado e o material, através de um individualismo característico de sua vida com raízes nômades. Dentro dessa conjectura, o valor do homem se mostrava de extrema importância para a perpetuação de seu clã, esboçando as circunstâncias essenciais do patriarcado. Em contrapartida, o berço meridional, devido a sua estrutura agrícola, reforçou o importante papel da mulher na sociedade, visto que o mito da Deusa-Mãe, Mãe do trigo, provedora do pão, da cerveja e da abundância, foi representada através de uma mulher (ANTA DIOP, 1982, p. 56). A sacralidade da mãe, a provedora dos mistérios, magias e conhecimentos sagrados, demonstrada nas religiões afro, esboça perfeitamente o valor sagrado do feminino nas civilizações do berço meridional. Esse simbolismo não se mostra a toa, pois em geral as mulheres governavam o lar e guardavam as provisões, desempenhando assim papel importante na agricultura e seleção de plantas, reforçando a sua importância em uma civilização essencialmente agrícola. Não a toa acredita-se que durante o primeiro milênio de nossa época, os países meridionais já poderiam se governar por mulheres. Enquanto Salomão governava os hebreus, a Etiópia era governada pela rainha de Sabá, que segundo uma passagem da Bíblia, visitou Salomão voltando para sua terra com muitos presentes. Já no sul do Egito o reinado da rainha Candace, contemporânea de César Augusto, fez história ao comandar a luta contra os romanos. São diversos os exemplos do poder feminino na alta esfera da sociedade africana: Cleópatra, conhecida como a “Rainha dos reis”; Hatshepsout considerada a primeira rainha da história da humanidade; A rainha Njinga Mbandi, governanta dos reinos de Ndongo e Matamba (atual Angola) no século XVII, a qual lutou por

mais de quatro décadas contra os portugueses; A Rainha Pampa de Orango Grande, conhecida pela sua longa chefatura e pela resistência armada contra os portugueses; Os Bijagós, na atual Guiné-Bissau, se mostram como exemplos de um sistema matriarcal, onde as mulheres tinham controle da unidade doméstica e do trabalho proporcionando a subsistência das aldeias, que perdurou até o século XX.

4.4 A COLONIZAÇÃO DO AFETO

De acordo com Diop (1982, p. 64), o regime africano do matriarcado existiu à escala do continente. Entretanto o processo colonizador acarretou na adoção de sistemas patriarcais em determinadas regiões da África, ou seja, um fator externo foi responsável por essa transição, desmerecendo assim a teoria da universalização do matriarcado exposta por autores europeus do século XIX. Foi devido à islamização que essa transição ocorreu, onde a África Ocidental foi invadida pelo norte no século X pelo movimento dos almorávidas. A religião tradicional foi perdendo forças gradativamente sob a influência islâmica, conseqüentemente seus costumes e tradições foram enfraquecidos, reverberando primeiramente nos príncipes e mais tarde nos povos. Somente no século XV, o reino de Portugal, impulsionado pelo avanço científico e pelo etnocentrismo legitimado pelo cristianismo, começou a dominação de territórios africanos. O sistema de matrilinearidade, compreendida como a filiação parental transmitida somente através da ascendência da mãe (nome, benefícios e status), passa então a perder espaço para o sistema de filiação parental patrilinear devido à introdução de uma nova cultura nos regimes africanos durante a Idade Média. Era o início de um projeto, enraizado nas características básicas de dominação do patriarcado e nos primeiros passos da unilateralidade da razão, que se projetava sobre o sistema matriarcal africano.

A constituição psíquica do ariano foi bastante influenciada pelo avanço científico nos mais diversos campos do conhecimento. Sua ascensão espiritual foi atravessada pela consciência da modernidade, que acumulou para si um gradiente alto de energia voltada para a função pensamento. O afeto então mergulhou nas profundezas do inconsciente, onde nem o amor incondicional dos ensinos do Cristo, foi suficiente para resgatá-lo e impedir os atos de crueldade do processo de colonização. Sobre isso Jung afirma:

Quando a idade gótica, com seu impulso em direção às alturas, mas com uma base geográfica e uma concepção de mundo limitadas ruiu, aluída pela catástrofe espiritual que foi a Reforma, a linha horizontal em que se desenvolveu a consciência moderna interferiu na linha vertical do espírito europeu. A consciência deixou de se desenvolver para o alto, mas ampliou-se horizontalmente, tanto do ponto de vista geográfico, como do ponto de vista filosófico. Foi a época das grandes viagens de

descobrimientos e da ampliação empírica de nossas concepções relativas ao mundo. A crença na substancialidade da alma foi substituída pouco a pouco pela convicção cada vez mais intransigente quanto à substancialidade do mundo material, até que, por fim, após quatro séculos, os expoentes da consciência europeia, os pensadores e pesquisadores, vissem o espírito em uma dependência total em relação à matéria e às causas materiais. (JUNG, 1971, p. 283)

Até o final do século XVII, devido à concentração de interesses na América e o confuso mapa do interior africano, a colonização africana se limitou ao litoral. Foi somente no século XIX, com o crescente interesse em novas fontes de lucros que grandes empresários decidiram mudar essa situação, acarretando na corrida entre países europeus para definir seus interesses de ocupação no território africano. Os europeus, convencidos de sua superioridade, acreditavam que estavam levando o progresso civilizatório para os povos ditos “selvagens”. Esse ar de superioridade caminhava lado a lado com o racismo científico, que foi reforçado através de uma distorção do evolucionismo darwinista adaptada ao etnocentrismo europeu. Diante disso a África foi dilacerada entre as grandes potências que fizeram impor sua cultura, sua língua e sua religião aos africanos, fazendo com que suas raízes matriarcais, já desgastadas pelos mulçumanos, encontrassem agora um sistema patriarcal altamente tecnológico e com capacidade suficiente para subjugar as mais importantes civilizações africanas. A sacralidade afetiva dos nativos para com o coletivo e para com sua terra foi negligenciada pelo opressor intelectualismo do europeu, desprovido de afeto, pois a razão havia igualmente colonizado o sentimento. O africano primitivo, que antes vivia em simbiose com sua terra, era afetado pelos movimentos da natureza e com ela se identificava afetivamente, foi arrancado desse estado simbiótico para ser escravizado, em nome do progresso de outras nações. Devido ao afastamento da consciência da função psíquica do sentimento, o ser humano reforçou, cada vez mais com o passar dos anos, o individualismo arcaico do ariano nômade, isto é, o patriarcado. Ocasionalmente assim uma mudança enantiodrômica gerada pela imposição da função pensamento perante a função sentimento, bastante semelhante com a colonização geográfica imposta pelos europeus, fruto de um arranjo unilateral do pensamento constelado na psique europeia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos grandes avanços científicos dos últimos séculos ter nos proporcionado os mais diversos desenvolvimentos em todas as áreas da vida humana, este processo de amadurecimento intelectual não se deu sem perdas significativas. Os princípios da física serviram de base para explorar como o desequilíbrio psíquico foi afetado pelo projeto de

intelectualismo e como a aparelhagem psíquica retroagiu perante isso. Mostrando assim que devido ao concentrado uso das funções intelectuais, o ser humano se distanciou da afetividade, ocasionando uma insensibilidade tanto para com o outro como para consigo próprio. Todavia, o ariano, influenciado por uma cultura individualista, própria de seu modo de vida voltado para guerra e dominação, se lança na conquista do africano. Fica evidente então que o processo interior, ou seja, psíquico, de dominação do pensamento, acaba por se projetar no seu mundo externo como projeto de colonização de um sistema puramente afetivo, visto que a coletividade e os fenômenos da natureza afetavam diretamente o modo de vida dos africanos.

Diante desse escopo, a natureza se mostra como um sistema dinâmico tendente ao equilíbrio, sendo que o exagerado uso de uma função psíquica da consciência acaba por causar um desequilíbrio que extrapola a esfera do individual, vindo a ter possíveis consequências graves para toda a humanidade, como bem mostra o processo exagerado do desenvolvimento da razão em dissonância com os estados afetivos. Tanto que os crescentes números de teorias psicológicas, de manuais de doenças psíquicas e de testes psicológicos no último século, evidenciam o gradativo número de doenças psíquicas relacionadas ao afeto, aliás, ao afastamento dele da esfera consciente.

A presente pesquisa se mostrou como um grande desafio com muitos limites pertinentes à própria temática apresentada. Primeiramente, a escassez de pesquisas voltadas para o africano fora de uma perspectiva eurocêntrica. O que acabou por instigar uma pesquisa bibliográfica de um autor em específico, o senegalês Cheik Anta Diop, que confrontou a hegemonia europeia com obras fundamentadas numa versão fiel da África, onde não economizou críticas ao etnocentrismo europeu. Em um segundo momento a dificuldade recaiu sobre a Psicologia Analítica, que se aprofundou preferencialmente na psique do europeu, estudando apenas os aspectos primitivos do africano. Entretanto essa pesquisa não demonstrava o caráter de superioridade pertinente ao europeu, pois Jung fez críticas ao etnocentrismo europeu, e correlacionou o termo primitivo com a proximidade das forças primárias da existência humana. Contornar essa visão se mostrou uma tarefa humanitária para Jung e uma obrigação epistemológica do presente trabalho.

A crítica à hegemonia europeia foi pensada com o intuito de incentivar pesquisadores a saírem dos limites que foram delegados ao pensamento humano, dentro de uma sociedade racista, machista e segregativa. Sendo necessário estimular a própria construção do conhecimento para fora da normatividade pré-estabelecida, visto que, o processo que enrijeceu a estreita visão científica, foi complacente com a ratificação do racismo. Entretanto,

como explanado no presente trabalho, devido o poder da enantiodromia, nossa sociedade se encontra no limite energético que alimentou todo esse tempo anos de segregação racial e violência contra o feminino, posto que, é crescente o reconhecimento gradativo do negro e da mulher nas camadas importantes da sociedade. Uma nova virada se mostra necessária para compensação do equilíbrio psíquico e social da humanidade, e ela parece dar sinais tímidos de sua chegada com as novas transformações sociais das últimas décadas.

REFERÊNCIAS

- BIYGTON, Carlos. **Uma teoria simbólica da história**: O mito cristão como principal símbolo estruturante do padrão de alteridade na cultura ocidental. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Petrópolis: Editora Vozes, 1983.
- CAMOLESI, Maria Eugênia Doimo. **A unilateralidade da razão**: A crítica junguiana. Dissertação (Mestre em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Estudos Avançados em Educação, Departamento de Psicologia da Educação. Rio de Janeiro, 1993.
- DIOP, Cheikh Anta. **África preta pré-colonial**: Um estudo comparativo dos sistemas políticos e culturais da Europa e da África preta, da Antiguidade até a formação dos estados modernos. [S. l.]: Lawrence Hill & Company, 1987.
- DIOP, Cheikh Anta. **Unidade Cultural da África Negra**: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica. Lisboa: Editora Pedago, 2015.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. **A Idade Média**: O nascimento do Ocidente. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. v. IX/I.
- JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus símbolos**. 5. ed. [S. l.]: Nova fronteira, 1964.
- JUNG, Carl Gustav. **Tipos Psicológicos**. 3. ed. Brasil: Vozes, 1976.
- MARONI, Amnéris. **Jung o poeta da alma**. 2. ed. São Paulo: Summus editorial, 1998.
- SCHOLL, Camille Johann. **Matriarcado em África**: Uma análise sobre o pensamento de Cheikh Diop e Ifi Amadiume. Revista de História Bilros, v.6, p. 174-189, 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia da ciência**. São Paulo: Schwarcz, 2001.